

Estamira – a cura pela ficção

DOI: 10.3395/receis.v3i4.327pt

Braulio Tavares

Nasceu em Campina Grande (Paraíba) em 1950 e mora no Rio de Janeiro desde 1982. É escritor, compositor e jornalista.
btavares13@terra.com.br

A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre diabo, filho de um algibebe, que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

-- Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu.

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

-- Deus engendrou um ovo, etc.

(Machado de Assis, O Alienista)

Psicólogos e psiquiatras costumam usar com cautela o termo “loucura”, palavra tão contaminada de preconceitos que ficou com trânsito prejudicado nos textos científicos. Mesmo assim, é uma palavra de uso comum no jornalismo e na linguagem diária, para envolver todos os fenômenos de desajuste mental por que passam as pessoas.

Estamira é uma mulher que vive de catar lixo no Rio de Janeiro, no que é considerado o maior aterro sanitário da América Latina. Quando fazia uma reportagem cinematográfica sobre o aterro, Marcos Prado a conheceu, interessou-se pelo seu modo de falar e pelas histórias que contava, e daí em diante passou quatro anos acompanhando-a em filmagens no próprio aterro e na casa dela.

Estamira é saudável o bastante para ser autorizada a viver sozinha num barraco, trabalhar, ir ao Posto de Saúde por conta própria, medicar-se sem auxílio. Sua “loucura” é na verdade uma soma



Ficha técnica

Estamira

Direção e Fotografia: Marcos Prado.

Produção Executiva: Marcos Prado e José Padilha.

Zazen Produções Cinematográficas.

[Rio de Janeiro: Europa Filmes], 2007.

DVD (127 min.).

de vários fatores: a falta de conexão ou de sentido no seu discurso verbal; a sua crença aparente em fatos imaginários e situações inverossímeis; seus eventuais descontroles emotivos que resultam em crises de agressividade ou de depressão. Isolados, nenhum desses sintomas seria o bastante para classificá-la como doente mental. Somados uns aos outros, pesam o bastante para empurrá-la na direção de uma zona crepuscular onde se situam todos aqueles que “têm um parafuso a menos”.

00:05:50 (localização no DVD)

A minha missão, além de ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade. Seja mentira, seja capturar a mentira e tacar [sic] na cara, ou então ensinar a mostrar o que eles não sabem. Os inocentes. Não tem mais inocente. Não tem. Tem esperto ao contrário.

Estamira parece pertencer a um grupo de loucos que encontramos de vez em quando: pessoas que têm consciência bastante para reconhecer sua própria condição de desequilíbrio, mas criam em cima dela uma espécie de encenação permanente, deliberada, como se assim ficassem mais confortáveis consigo mesmas assim do que se tentassem pertencer ao mundo dos “normais”.

01:38:20

Bem... a deficiência mental eu acho que tem o que é imprestável, né... Quem tem problema mental, bem, perturbação também é, né? Perturbação, depois eu tive [sic] pensando: perturbação também é, mas não é deficiência, né? Perturbação é perturbação. Qualquer um pode ficar perturbado.

Estamira é uma ficção de si própria, uma personagem inventada para resolver os problemas de uma pessoa real, ou, pelo menos, para equilibrar os pratos de uma balança (a existência emocional e social da mulher chamada Estamira) claramente desfavorável. É sintomático o modo como ela se refere a si própria na terceira pessoa, distinguindo espontaneamente entre a voz que fala e a personagem que é referida.

Há uma cena curiosa em que Estamira, enquadrada de perto pela câmara, pega no meio do lixo um objeto que parece um telefone sem fio, quebrado, coloca-o no ouvido e começa a “conversar”. Ela diz algumas palavras ininteligíveis, alguns grunhidos, finge que está ouvindo, finge que concorda, finge que discorda, finge que argumenta com o “interlocutor” do outro lado, tudo isso através de palavras incompreensíveis, como se estivesse imitando alguém que fala inglês. É uma cena notável que fica exatamente na linha divisória

entre uma pessoa transtornada falando com alguém que não existe e uma pessoa que finge falar alguma coisa pitoresca porque sabe que está sendo filmada, porque se sabe alvo da atenção de alguém e improvisa ali um pequeno “número”, como uma criança exibicionista que inventa do nada uma cenazinha para divertir-se e recompensar a atenção que recebe dos adultos.

01:52:53

Tudo que é imaginável tem, existe. Sabia que tudo que é imaginável existe, e é, e tem? Pois é.

O filme de Marcos Prado torna-se, curiosamente, um documentário sobre uma mulher real que inventou uma personagem homônima a ela mesma, e o documentário registra as idas e vindas da mente dessa criadora que incorpora aleatoriamente a criatura. Essa criatura lhe serve não apenas de argamassa para recompor e colar uma personalidade fragmentada, mas também de re-união com a sociedade, o mundo e o próprio Cosmos.

00:00:17

Tem o eterno, tem o infinito, tem o além, tem o Além dos [sic] Além. O Além dos Além vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o Além dos Além.

00:20:09

O Além dos Além é um transbordo. Você sabe o que é um transbordo? Bem... Toda coisa que enche, transborda. Então o poder superior real, a natureza superior, contorna tudo pra lá, pra aquele lugar, assim como umas reservas, tem as reservas. Nas beirada [sic], entendeu como é que é? – nas beirada ninguém pode, homem, pode ir lá. E aqueles astros, horrroso [sic], irrecuperável, vai tudo pra lá, não sai mais nunca. Pra esse lugar que eu tô falando. Além dos Além.

Quando Estamira discursa – veemente, desbocada, cheis de histrionismos – por entre cordilheiras de lixo e o revôo de urubus, sente-se em primeiro lugar o esforço de uma mente humana debatendo-se em si própria para infundir sentido ao mundo surreal que a envolve (o ambiente em que vive, a trajetória de toda sua vida). E sente-se por outro lado a importância da câmara de cinema como uma platéia silenciosa, catalisando esse discurso de alguém que, bem ou mal, tem coisas a dizer, coisas que para ela são essenciais. São definições, parâmetros, traços cartográficos que ela estabelece: aqui é o mundo, aqui sou eu. É a câmara é a testemunha desse processo de auto-cura

artesanal, de alguém catando no lixo de si mesma a parte viva e reaproveitável de si mesma.

00:11:05

Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só restos. E às vezes vem também descuido. Resto – e descuido.

Estamira nasceu numa família de classe média e foi decaindo financeiramente até acabar praticamente na miséria. A mãe separou-se do seu pai depois de ter sido traída; com ela aconteceu o mesmo.

00:19:57

Coitada da minha mãe... Mais perturbada do que eu... Bem, eu sou perturbada, mas lúcida, e sei distinguir a perturbação, entendeu como é que é? E a coitada da minha mãe não conseguia. Mas também pudera – eu sou Estamira.

Vivendo sozinha, Estamira sofreu dois estupros, sendo que num deles (ela conta) gritava pedindo socorro a Deus e o estuprador zombava dela, dizendo que Deus não iria salvá-la. Vem daí uma fúria contra Deus que se manifesta em vários pontos do filme, e que é um dos pontos de desunião entre ela e o filho, que é evangélico e se magoa profundamente com as blasfêmias da mãe.

Um dos termos recorrentes no seu discurso é o que ela chama de “o Trocadilho” (que ela pronuncia “Trocadilo”), uma espécie de entidade superior e maligna, responsável pela maioria das coisas erradas que acontecem no mundo. Estamira se refere a isso ora como uma noção abstrata, ora como uma força personalizada e consciente.

00:12:42

O Trocadilho faz de uma tal maneira que quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora.

A sorte de Estamira nos leva a pensar em como a sociedade é despreparada para lidar com suas próprias exceções. Primeiro, porque sua marginalização resulta de um processo cumulativo em que a sociedade cria dificuldades para sua integração e ela própria não deseja se integrar. E depois porque o cinema (visto como arte, ou como documentário, ou como pretexto para o contato de pessoas que sem ele jamais se encontrariam) surge como um canal alternativo para a reinterpretação dessas pessoas e para sua reintegração pessoal. Talvez não se reintegrem como indivíduos (Estamira continua marginalizada, catando lixo), mas pelo menos passam a valer como símbolo e sintoma da imensa proliferação de exceções da nossa estrutura

social, cujas regras já não comportam tudo que é gerado pela sua própria complexidade.

00:14:00

Eu, Estamira, sou a visão de cada um. Ninguém pode viver sem mim. Ninguém pode viver sem Estamira.

Alternando imagens coloridas e em preto-e-branco, o diretor usa técnicas escrupulosamente realistas para nos dar a sensação de que estamos mergulhados no universo alucinatório da personagem. Várias cenas, filmadas em Super-8 e preto-e-branco, têm uma granulação intensa, nos transportam para um universo em que as coisas materiais deixam transparecer a energia fervilhante de que são compostas. Caminhões gigantescos que derramam tsunamis de lixos diante dos catadores; urubus negros e gaivotas brancas que esvoaçam em torno.

Há uma cena magnífica no lixão, quando uma tempestade se aproxima no horizonte, uma massa gigantesca de nuvens cortadas por relâmpagos, como uma chuva imóvel. A tempestade vem precedida por uma ventania que vai arrastando todo aquele lixo solto: sacos plásticos, papel, tufos de capim, pedaços de madeira, objetos pequenos, tudo sendo varrido por um vento que parece um princípio de furacão, enquanto Estamira, fincando pé contra a ventania, grita e esbraveja contra os elementos.

00:14:55

A criação toda é habitada. Os [sic] espaço inteiro é habitado. A água é habitada. O fogo é habitado. Tudo é habitado! Estamira também é habitada.

Simétrica a esta cena é a cena final, em que o diretor a acompanha até uma praia deserta, onde ela caminha em paz, mergulha os pés descalços na areia, aproxima-se do mar, cujas ondas parecem sentir sua aproximação e crescem, em paredões de espuma que se erguem a 10 ou 20 metros de altura e desmoronam com um ruído ensurdecedor. A onda arremete com força, derruba Estamira, que se molha toda, rola na areia, se reequilibra, ri, levanta, volta a esbravejar contra o Oceano sem que se entenda coisa alguma do que ela diz, porque o fragor da arrebentação é muito alto. Uma cena memorável, cinema puro, em que vemos a pequenez do ser humano diante das forças bravias do seu próprio Inconsciente.

Em outra cena (esta com imagem colorida, nítida, que de certa forma corresponde ao olho externo, o olho do cineasta e o olho do espectador), Estamira em primeiro plano faz um monólogo:

00:57:35

Agora por exemplo. Sentimentalmente, visivelmente, invisivelmente formado [sic], transparente conforme eu já lá te disse, eu estou num lugar bem longe. Num espaço bem longe. Estamira tá longe. Estamira está em todo lugar. Estamira podia ser irmã, ou filha, ou... esposa. De espaço, mas não é. [pausa] Espera aí que eu tô descendo. [pausa mais longa; e então ouve-se apenas a continuação de sua voz, enquanto a boca permanece fechada:] Olha lá, onde é que eu estou. Eu estou aqui, e estou lá.

Certos problemas de desequilíbrio mental são resolvidos – ou pelo menos neutralizados, estabilizados – quando o paciente consegue projetá-los em algo distinto de si próprio, exteriorizando-o de alguma forma. É o que se expressa na linguagem popular com a frase “consegui tirar esse problema da minha cabeça”. O trabalho artístico ou artesanal parece ter cumprido esta função em casos como os dos pacientes da Dra. Nise da Silveira no Engenho de Dentro (Fernando Diniz, Carlos Pertuis, etc.) e no de Arthur Bispo de Rosário. como símbolo e

sintoma da imensa proliferação de exceções da nossa estrutura social, cujas regras já não comportam tudo que é gerado pela sua própria complexidade.

No filme de Marcos Prado ficamos com a sensação de que a presença frequente de uma equipe, filmando-a, gravando-a, eventualmente fazendo-lhe perguntas, ajudou Estamira na elaboração de uma fantasia compensatória de terceirização de si própria. Ela criou um personagem-reflexo, um Doppelgänger, elaborado com a megalomania meio infantil de muitos esquizofrênicos-paranóicos. Uma personagem capaz de blasfemar de igual para igual contra Deus, de explicar o Universo, de racionalizar (em seus próprios termos) o próprio Destino. Essa “Estamira” latente pode ter tido seu nascimento estimulado pela presença da câmera, que passou a significar os olhos e os ouvidos de um mundo que sempre a tratou com indiferença e a ignorou. No momento em que o mundo se dignou a voltar na sua direção o seu olho de vidro, e a fazer-lhe companhia, Estamira engendrou Estamira, e cada uma passou a servir de apoio para a outra.

